

Fernando Molica

RC e JG cantaram um país amoroso

A participação do pernambucano João Gomes (23 anos) no Especial do capixaba Roberto Carlos (84) foi um daqueles momentos capazes de dar sentido a uma ideia de país — não como algo excludente ou xenófobo, mas de um sentido inclusivo, carinhoso e cheio de talento.

Praticamente todos os nomes de sucesso da MPB já passaram pelo programa do Rei que, uma vez por ano, abre seu palácio virtual para legitimar, homenagear ou tirar uma casquinha de jovens que arrasam quarteirões pelo país afora.

Cantar ao lado dele é assim receber uma condecoração, título de cavalheiro ou de dama da Ordem Real de RC. É como se Roberto pousasse uma espada no ombro dos agraciados.

Goste-se ou não de Roberto Carlos, é impossível não saber de sua existência, de não reconhecer sua importância na música brasileira, da permanência de seu repertório entre nós. Todos conhecemos algumas ou muitas canções de RC, sabemos cantá-las.

Mas o impacto da presença de João Gomes isso foi um pouco além do esperado — e olha que quem escreve só foi ouvir falar nele quando de seu me-

gashow em outubro, na Lapa, no Centro do Rio.

Talvez essa surpresa tenha sido pela diferença de idade entre eles — 61 anos! —, pelo jeitão de menino, pelo repertório de viés romântico-abusado (o que remete ao RC dos anos 1970), pelo chapéu estilizado de vaqueiro e, principalmente, pela voz que parece incorporar Luiz Gonzaga e, um pouco menos, Dominguinhos.

É como se houvesse ali um absurdo dueto entre dois reis (o pernambucano de Exu reinava no baião). O palco abrigava pontes dinâmicas: geracionais, geográficas, musicais e culturais. O Brasil cantado por Gonzagão, Dominguinhos e João Gomes é, no fundo, muito parecido com o de Roberto Carlos.

As músicas de todos eles tratam de sentimentos, de namoros, de saudades, da vida da gente que tanto rala por aqui. São canções que tocam nos bares, nas esquinas, nas festas, nas praças públicas, nos subúrbios.

RC é urbano; João Gomes, assim como os outros dois pernambucanos, trata de uma nostalgia do rural, do vaqueiro, do interior do Nordeste. Sua modernidade é temperada pela memó-

ria de um sertão bem diferente daquele que tem imperado nos últimos 30 anos.

Ele não trata do sertão do agronegócio, da terra feita escrava das máquinas, produtora de ração, riqueza, votos e poder — nada mais distante de JG do que a figura do agroboy arrogante, que laça aquela com quem quer ficar.

O garoto de Serrita joga em outro campo. Não usa chapelão de cowboy nem se espelha no modelo norte-americano de homem rural. Sei lá se ele já foi vaqueiro ou agricultor, mas sua postura é de quem vê a terra como parceira, sofre com ela a ausência da chuva, fica emocionado quando um açude sangra, transborda de tanta água — como diz o cearense Xico Sá, nada é mais bonito.

Juntos, RC e JG cantaram um país capaz de se olhar e de respeitar diferenças. Apesar de tudo, das sucessivas safras de ódio e de intoléncia, vale acreditar num Brasil que, como na letra de “A volta” (canção de Roberto e Erasmo que João cantarolou no palco), ainda guarda o que há de bom em si, tanta ternura e tanto amor. Que o recado da dupla esteja presente no próximo ano. Feliz 2026!

Sérgio Cabral*

Feliz Ano Novo

Chegamos ao final do ano e é hora de fazer os pedidos para 2026.

Amo o meu estado e peço a Deus que meus desejos para o Rio de Janeiro sejam alcançados:

Que o povo do Rio viva com mais segurança e que as nossas forças policiais sejam valorizadas, com salários dignos e condições de trabalho.

Que a rede de hospitais do estado, as UPAs 24h, e todo o sistema de saúde ofereçam qualidade no atendimento à população.

Que os investimentos em transporte de massa, metrô, trens, barcas sejam valorizados e ampliados e que deem mais conforto aos seus usuários.

Que o ensino médio público volte a ocupar as melhores posições no Ideb nacional, como alcançamos em 2013, e que os profissionais da educação sejam valorizados.

Que os servidores públicos do estado recuperem o seu poder aquisitivo, pois quem ganha com isso é a população do estado.

Que o Rio volte a conquistar empresas de porte, como conquistamos no passado a Nissan, Land Rover, Michelin e Hyundai Heavy Industries, gerando mais empregos e crescimento econômico.

Que o Rio volte a ter uma política habitacional arrojada para as camadas mais pobres da população.

Que haja entendimento entre os níveis de governo, pois, sem isso, continuaremos com políticas públicas difusas e que desperdiçam energia e investimentos públicos.

Que se retome uma política ambiental que preserve nossas florestas, recuperem nossos rios e fortaleça nossos parques e reservas estaduais, e o saneamento seja ampliado.

Que o Teleférico do Complexo do Alemão volte a atender a milhares de pessoas que precisam dele para se locomover com dignidade. Que o MIS, Museu da Imagem e do Som, seja concluído e aberto ao público.

Que haja uma política pública consistente de inclusão aos PCDs, de atenção e proteção às crianças e respeito aos idosos, de combate ao feminicídio, à misoginia, à pedofilia, à homofobia, ao racismo, ao preconceito religioso e a todo tipo de estupidez.

E que você, leitora ou leitor, tenha um ano de paz e prosperidade junto à sua família e aos que você ama e convive.

Feliz Ano Novo!

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

Tales Faria

“Excesso de segurança”, reclama agora o clã Bolsonaro

Poucas horas antes da madrugada desta sexta-feira (26), quando o ex-diretor da Polícia Rodoviária Federal Silvanei Vasques foi preso no Paraguai fugindo do Brasil em direção ao Equador, Carlos Bolsonaro, o filho Zero-Dois do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), postava na rede social “X”:

“Acompanho a internação para a oitava cirurgia decorrente da tentativa de assassinato contra o presidente @jairbolsonaro [...]. Confesso que, desta vez, o número de policiais mobilizados para acompanhar o procedimento e toda a movimentação ultrapassa qualquer limite que qualquer ser humano consideraria razoável —é algo absolutamente inacreditável e constrangedor. [...] O que se impõe [...] é nitidamente intimidatório. [...] De ontem para hoje, chegaram ao absurdo de proibir o acompanhamento até com relógio no pulso, mantendo uma rotina de restrições que todos já conhecem e que se repete dia após dia. [...] Não há como não se indignar diante da persistência dessa perseguição.”

É compreensível a dor do filho com os problemas de saúde do pai. Mas também não há como ignorar os motivos que levam o ministro Alexandre de Moraes, do STF, a se preocupar com o risco de fuga dos condenados pela tentativa de golpe de Estado que resultou nos ataques às sedes dos Três Poderes, em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023.

Por causa da tentativa de fuga de Silvanei, neste sábado, 27, o ministro Alexandre de Moraes, do STF, determinou medidas restritivas contra 10 condenados pela tentativa de golpe. A Polícia Federal não encontrou Carlos Cesar Mertzsohn Rocha, presidente do Instituto Voto Legal no seu endereço. É Outro considerado foragido.

Em novembro de 2024, a Justiça argentina encontrou e prendeu 61 brasileiros foragidos que também haviam sido condenados pelos atos golpistas.

O próprio ex-presidente Bolsonaro levantou suspeitas sérias sobre si em dois episódios. O primeiro foi quando resolveu se abrigar por dois dias na embaixada da Hungria, em fevereiro de 2024, após o STF ter determinado a apreensão

de seu passaporte.

Ao dar o furo de reportagem, o jornal “New York Times” afirmou: “Dadas as circunstâncias —um político enfrentando potencial prisão dormindo em uma embaixada estrangeira controlada por um aliado político— tinha todas as características de um homem buscando asilo político.”

O segundo episódio a levantar mais suspeitas sobre a intenção de fuga de Bolsonaro ocorreu na madrugada do dia 22 de novembro, quando os bolsonaristas haviam programado uma vigília em frente à sua residência em Brasília que poderia distrair os seguranças da Polícia Federal.

Bolsonaro cumpria prisão domiciliar. Naquele dia ele tentou destruir a tornozeleira sua eletrônica. O equipamento apareceu queimado e o ex-presidente admitiu ter sido o executor. Uma perícia da PF divulgada no último dia 17 confirmou.

Ou seja, têm todo direito, Bolsonaro e seus filhos de reclamar. Mas também a Justiça e a polícia têm motivos de sobra para se precaver.